

A RELAÇÃO ENTRE INDIVÍDUO E SOCIEDADE EM LOUIS DUMONT E NORBERT ELIAS

MAXIMIANO LOPES MACHADO

Mestre em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba

E-mail: maximianolm@gmail.com

Palavras-chave: individualização; racionalização; sociedade moderna

1. Introdução

Na introdução de **A ética protestante e o espírito do capitalismo** (2001) Max Weber demonstra que só no Ocidente ocorreu um processo de racionalização que o distinguiu das demais regiões mundiais. “Apenas no Ocidente temos ciência empírica, música racional, imprensa, Estado e, sobretudo, a forma econômica do capitalismo” porque, “apenas no Ocidente moderno temos a vitória do que Weber chama ‘racionalização da dominação do mundo’”. De fato, há quase um consenso entre os estudiosos de Weber em associarem a questão da racionalização como sendo algo específico do Ocidente, como é o caso de Gabriel Cohn, que a vê como uma especificidade do desenvolvimento histórico das configurações sociológicas do Ocidente.

Entretanto, é preciso esclarecer que Weber não definiu de maneira fechada o que seria racionalização e só por vias indiretas é possível reconstruir o que pode ser decisivo quando aborda a questão, bem como enfatizou que seu campo de atuação é amplo, pois:

Temos, por exemplo, a racionalização da contemplação mística, atitude que, vista sob outro prisma da vida, é especialmente irracional, e temos também como temos as racionalizações da vida econômica, da técnica, da pesquisa científica, do treino militar, do direito e da administração.

Levando-se em conta as configurações sociais estruturadas e vivenciadas hoje em dia, observa-se que o conceito de **racionalização**, compreendido como um processo que guia todas as práticas sociais, não responde a algumas questões da contemporaneidade. Não se pode negar a existência dessa racionalização, que é latente no âmbito científico, jurídico e burocrático, uma vez que representa o rompimento, nesses estratos, dos elementos místicos, ou seja, irracionais.

Todavia, não concordo com alguns estudiosos que defendem que a modernidade é guiada única e exclusivamente por esse processo. Que racionalização é esta que gera no mundo atual uma acumulação de riquezas nas mãos de uns poucos enquanto que a maioria da população mundial se encontra em completa miséria? Como pensar em racionalização se hoje cada vez mais os países tidos como desenvolvidos aumentam a exploração sobre os países não desenvolvidos? Querem impor suas políticas, seus valores, suas ideologias sem levar em conta as estruturas sociais existentes das outras nações.

Muitas culturas estão passando, hoje em dia, por um acirrado processo de modernização, contudo ainda persistem em manter valores que não condizem com a nova estrutura social que as englobam (rituais de iniciação, vestimentas tradicionais e outros). Isto é o que Norbert Elias chama de “efeito de trava”.

Estas são apenas algumas questões que o conceito de **racionalização** não consegue responder. Por isso, acredito que um conceito muito mais frutífero para compreender tais questionamentos seja o de **individualização** ou **individualismo**. Na configuração social atual do mundo ocidental percebe-se, em alguns países mais e em outros menos, como o sentimento de individualização vem dominando as relações humanas.

Mas o individualismo que está imperando nestas sociedades não é o formulado por John Stuart Mill. Este pensador defendia, em meados do século XIX, que o “livre desenvolvimento da individualidade constitui um dos primeiros fundamentos do bem-estar” de uma sociedade, isto porque, como os homens são distintos uns dos outros é só através da liberdade de pensamento e ação que poderiam se desenvolver plenamente. Ao Estado, caberia o papel tanto de promover esta individualidade, bem como estabelecer os limites dessa liberdade, que terminaria no momento em que se tornasse nociva às outras pessoas.

Em linhas gerais o que Mill propôs é que cada indivíduo tivesse liberdade de ação e pensamento sem restrições de quaisquer tipos, pessoais ou estatais, desde que esta não prejudicasse a liberdade e a vida de outros. Seu individualismo consiste em que cada pessoa reconheça a outra como igual em direitos e liberdades, mas sendo, ao mesmo tempo, seres distintos. Dessa forma, “os homens devem se ajudar uns aos outros para distinguir o melhor do pior e incentivar-se para escolher o primeiro e evitar o último”.

A visão de individualismo de Stuart Mill parece não condizer com o vivenciado na prática social atualmente. Ele não é marcado pelo sentimento de reconhecimento e cooperação entre os homens, e sim pelo distanciamento cada vez maior entre eles. Há na configuração social atual um forte sentimento de indiferença entre os homens, algo parecido ao que Simmel chamou de “arrogância *blasé*”, ao abordar a atitude das classes que possuem capitais ao lidar com o mundo externo ou ao consumir determinada mercadoria. De fato, quantas vezes caminhando pelas ruas as pessoas se deparam com algum mendigo sentado em uma esquina pedindo esmolas e elas apenas o ignoram, como se ali não estivesse um ser humano. Isto ocorre porque as pessoas não se identificam, ou melhor, não se reconhecem como iguais, nem que seja quanto aos seus direitos. A atitude de indiferença entre os homens decorre da própria dinâmica das sociedades ocidentais, na qual os indivíduos, cada vez mais estão vivendo próximos uns dos outros em termos espaciais, mas ao mesmo tempo isolados em seus mundos pessoais.

Partindo dessas premissas, analiso dois autores com formações teórico-metodológicas distintas que trabalham a problemática do individualismo com o intuito de compreender e comparar seus

posicionamentos acerca da temática. Estes são: Louis Dumont e seu livro **O individualismo** (1985) e Norbert Elias, com sua obra intitulada **A sociedade dos indivíduos** (1994).

2. Louis Dumont e a concepção do indivíduo-no-mundo

Antes de iniciar a análise propriamente dita sobre a noção de individualismo de Louis Dumont, gostaria de esclarecer que no presente estudo utilizo basicamente os dois primeiros capítulos de seu livro. Isto porque é nesta parte que analisa o processo histórico que originou a ideologia moderna do individualismo, que anteriormente era “extramundana” e hoje “intramundana”. Seu arcabouço teórico é o da antropologia social, tendo como metodologia a análise comparativa entre a sociedade ocidental moderna e a sociedade tradicional indiana. A vantagem de uma perspectiva antropológica é que ela “pode permitir-nos conhecer melhor o sistema de idéias e valores, sobre o qual acreditamos saber tudo pelo simples fato de ser nele que pensamos e vivemos”, bem como “consiste em permitir-nos ver a cultura moderna em sua unidade”.

Dumont defende que o advento do individualismo distingue a cultura moderna de todas as outras, contudo a configuração individualista de idéias e valores que nos é familiar não existiu sempre nem apareceu de um dia para o outro, sendo fruto das relações sociais existentes entre as pessoas. Por isso, através de uma perspectiva histórica pode-se “desvendar a gênese da configuração em questão em suas principais articulações”.

Ao analisar as características do individualismo moderno (caracterizado por sua intramundandade), busca suas origens não no período histórico da Renascença, como o fez Simmel (1998) em seu trabalho **O indivíduo e a liberdade**, mas nas heranças clássica e judaico-cristã, pois:

Algo do individualismo moderno está presente nos primeiros cristãos e no mundo que os cerca, mas não se trata exatamente do individualismo que nos é familiar. Na realidade a antiga forma e a nova estão separadas por uma transformação tão radical e tão complexa que foram precisos nada menos de dezessete séculos de história cristã para completá-la, e talvez prossiga ainda em nossos dias.

Esta citação é interessante, pois demonstra a visão de processo defendida pelo autor, bem como enfatiza que o individualismo atual não é o mesmo vivenciado pelos primeiros cristãos. Houve uma mudança significativa na compreensão e na ação desse indivíduo, que antes se dava “fora-do-mundo” e hoje “dentro-do-mundo”. Não cabe aqui destacar todos os pontos levantados pelo autor acerca dessa mudança, mas apenas enfatizar que o individualismo configurado pelos primeiros cristãos exercia sua ação fora do mundo.

Estes sabiam que as pessoas eram distintas uma das outras, entretanto, o que se questiona aqui é a sua conduta em relação ao mundo. Para eles havia um abismo entre o mundo social e o desenvolvimento espiritual do indivíduo, pois “o distanciamento em face do mundo social é a

condição do desenvolvimento espiritual individual. A relação da vida no mundo resulta imediatamente da renúncia ao mundo”. Ou seja, a salvação não estava na ação no plano físico, e sim fora dele. O mundo social não era questionado e a posição e função de cada pessoa obedecia a Lei Divina.

Nesse sentido, a igualdade entre os homens proposta pelo cristianismo (catolicismo), existia unicamente na presença de Deus, na qual cada indivíduo poderia obter sua salvação através de sua fé. Todavia, o individualismo extramundano englobava o reconhecimento da ordem social existente.

A igualdade cristã estava, talvez, mais profundamente enraizada, no próprio coração da pessoa, mas era, mesmo assim, uma qualidade extramundana: “Não pode existir nem judeu nem grego... nem escravo nem homem livre nem macho nem fêmea, pois na verdade sois todos *um homem em Jesus Cristo*”, diz Paulo.

Esse cenário só começou a sofrer modificações no momento em que a Igreja Católica, enquanto instituição passou a exercer influência no âmbito do Estado. Este processo não foi rápido nem tampouco pacífico, mas a fez sair das alturas e adentrar no mundo. Os papas passaram a delegar o poder temporal aos monarcas, estreitando suas relações com o poder secular. Dessa forma, a Igreja passou a exercer direta ou indiretamente uma influência sobre o mundo, o que significou um maior comprometimento do indivíduo cristão com a realidade mundana. Porém, isto não provocou a mudança do “indivíduo-fora-do-mundo” para o “indivíduo-no-mundo”, uma vez que a ação voltada para a sua salvação ainda era extramundana.

Tal perspectiva só mudou a partir da Reforma Protestante, mais precisamente com Calvino. Seu pensamento girava em torno da concepção de predestinação, na qual a ação individual, através da razão, voltou-se para o mundo. Para Calvino os homens, através da vontade de Deus, nasciam predestinados ou não. Todavia, não sabiam se eles eram os escolhidos e por isso deveriam voltar toda a sua vida à glorificação divina, no próprio mundo. “A tarefa do eleito consiste em trabalhar pela glorificação de Deus no mundo e a fidelidade a essa tarefa será a marca e a única prova da eleição. Assim, o eleito exerce incansavelmente sua vontade na ação”. O pensamento de Calvino foi primordial para a configuração do indivíduo intramundano, pois defendia que a salvação deveria ocorrer no próprio mundo, através das ações do fiel. Nesse sentido, estabeleceu que o reino de Deus teria agora que ser construído na terra, pouco a pouco, pelo esforço dos eleitos.

Com Calvino se deu a guinada do “indivíduo-fora-do-mundo” para o “indivíduo-no-mundo” que passou a caracterizar a sociedade ocidental a partir de então. Para compreender o posicionamento de Dumont acerca dos séculos seguintes à Reforma, se faz necessário distinguir dois valores que levam à configuração de dois tipos de sociedades distintas, **individualismo** e **holismo**.

Assim quando falamos de “indivíduo”, designamos duas coisas ao mesmo tempo: um objeto fora de nós e um valor. A comparação obriga-nos a distinguir analiticamente a esses dois aspectos: de um lado, o sujeito *empírico* que fala, pensa e quer, ou seja, a amostra individual da espécie humana, tal como a encontramos em todas as sociedades; do outro, o *ser moral* independente, autônomo e, por conseguinte, essencialmente não-social, portador dos nossos valores supremos, e que se encontra em primeiro lugar em nossa ideologia moderna do homem e da sociedade. Deste ponto de vista, existem duas espécies de sociedades. Quando o Indivíduo constitui o valor supremo, falo de *individualismo*; no caso oposto, em que o valor se encontra na sociedade como um todo, falo de *holismo* (Grifo no original).

O embate entre **individualismo** e **holismo** marca o pensamento ocidental desde o século XV. Pensadores como Locke, Hobbes, Rousseau, Comte, Marx, entre outros, defendiam um ou outro valor. Entretanto, o que se deve enfatizar é que desde esse período a ação individual estava voltada para dentro do mundo, além disso, o termo **indivíduo** passou a ter dois significados: 1- sujeito empírico, amostra da espécie humana; 2- ser moral, autônomo, não social.

Segundo Dumont, a sociedade moderna é individualista e a noção de indivíduo predominante nesta é a de ser moral. Esta configuração não foi fruto do acaso, e sim de um longo processo de desenvolvimento no qual a visão holística, que marcava a sociedade medieval perdeu respaldo para o individualismo, estigma da sociedade atual. Dessa forma, ao comparar a sociedade moderna com as sociedades tradicionais (mais precisamente a indiana), Dumont aponta que o advento do individualismo distingue a cultura da primeira em relação às outras. Sendo fruto de um longo processo, cujo resultado foi a mudança na concepção do indivíduo, que antes se estabelecia fora e hoje dentro do próprio mundo.

3. Norbert Elias e a sociedade dos indivíduos

A problemática da relação entre indivíduo e sociedade, segundo Elias, não é clara hoje em dia. Isso ocorre porque sempre se associam os termos como sendo antagônicos ou estáticos: indivíduo – ser humano singular; sociedade – reunião de pessoas singulares. Esta é uma visão equivocada, uma vez que não é através da separação e sim da interdependência entre indivíduo/sociedade que o pesquisador deve voltar sua análise. As pessoas são ao mesmo tempo constituídas pelas suas características individuais, bem como pelos padrões sociais.

A partir dessa premissa é que Elias estrutura seu trabalho, tendo como meta principal compreender o processo social que acarretou o desenvolvimento da individualização nas sociedades modernas. Ao analisá-lo pude distinguir dois momentos centrais em seu texto: o primeiro aborda a ineficiência de se analisar os termos indivíduo/sociedade como sendo

antagônicos e o segundo, demonstra que nas sociedades mais industrializadas há a predominância do sentimento individualista.

A maioria das análises geralmente separa a relação indivíduo e sociedade como se fossem duas entidades autônomas. Há as que defendem a hegemonia do indivíduo em relação à coletividade e as que formulam a sociedade como organismo supra-individual. As duas abordagens são ineficientes, pois tratam os indivíduos como algo completamente isolado de suas relações sociais ou como frutos exclusivos dessas. Não existe o abismo entre indivíduo e sociedade, mas uma inter-relação na qual um só existe em função do outro. As regularidades sociais são formadas através das relações entre os homens, entretanto, ao serem elaboradas passam a possuir estruturas próprias que independem de qualquer pessoa isolada. Nesse sentido “a sociedade é o próprio conjunto das redes de inter-relações entre os indivíduos, portanto dinâmica”.

Cada indivíduo já nasce inserido em uma determinada sociedade e sua convivência com os outros determina suas relações sociais, incluindo seus modos, sentimentos, gostos, bem como sua função na mesma.

Para compreender esta relação, precisa-se abandonar as concepções de substâncias isoladas e passar a pensar em termos de funções, pois:

Vamos imaginar, como símbolo da sociedade, um grupo de bailarinos que execute uma dança de salão, como a *française* ou quadrilha, [...] Os passos e medidas, os gestos e movimentos feitos por cada bailarino são todos inteiramente combinados e sincronizados com os dos demais bailarinos. Se qualquer dos indivíduos que dançam fosse considerado isoladamente, as funções de seus movimentos não poderiam ser entendidas. A maneira como o indivíduo se comporta nessa situação é determinada pelas relações dos bailarinos entre si. Dá-se algo semelhante com o comportamento dos indivíduos em geral. Quer se encontrem como amigos ou inimigos, pais ou filhos, marido e mulher [...] o modo como os indivíduos se portam é determinado por suas relações passadas ou presentes com outras pessoas.

Este exemplo demonstra como cada pessoa, para se constituir enquanto indivíduo depende das outras. É evidente que cada homem singular dentro de um grupo,

(...) possui uma personalidade por meio da qual interage com os demais. Mas seu caráter específico, ou seu *habitus* social, não é algo inato, mas construído socialmente por meio de uma herança cultural que lhe é inculcida desde a tenra infância e por meio de sua convivência com os que estão ao seu redor.

Nesse sentido, constata-se que o modo como os indivíduos aprendem os padrões sociais depende de suas interações, ou seja, só se pode compreender o todo social através dessa dinâmica.

As pessoas são ao mesmo tempo indivíduo e sociedade, uma vez que a própria estrutura social produz não apenas o semelhante e o típico, mas também o individual. Partindo dessa concepção, Elias analisa como ocorreu a individualização no processo social, destacando que foi fruto das transformações ocorridas no mundo ocidental. Sua idéia de processo não pode ser vista como

sinônimo de “progresso” que guia a humanidade única e exclusivamente para a felicidade final, como proposto pelos filósofos do século XIX, mas sim como dinâmica social. Isto porque, as sociedades humanas estão em constante fluxo, sujeitas às mudanças constantes, como também a própria relação indivíduo e sociedade.

A metodologia utilizada para compreender a individualização no processo social é a comparação entre as sociedades tradicionais (mais simples) e as sociedades modernas (mais complexas). As primeiras afiguram-se pela pouca mobilidade social e oportunidade de escolha, levando os homens a dependerem mais uns dos outros. Há uma maior identificação da pessoa com o seu grupo, família ou tribo, fazendo com que sua identidade fique amalgamada com o restante da sociedade. Isto é o que Elias chama de “identidade-nós”. As sociedades complexas, devido a sua forte dinâmica social, fazem com que os homens criem um sentimento de autonomia e independência em relação aos demais. Suas interações com a comunidade local ficam reduzidas, gerando “o isolamento e a encapsulação dos indivíduos em suas relações uns com os outros”. Nestas sociedades há o predomínio da “identidade-eu”.

Entretanto, não se pode compreender esses dois tipos de identidades como algo isolado. Não há identidade-eu sem identidade-nós, porque a identidade humana provém de um processo social, variando apenas a ponderação dos termos na balança eu-nós. Na sociedade ocidental atual, cada vez mais a balança está pendendo para o lado “eu”. Contudo, isto nem sempre foi assim, pois nas sociedades da Antiguidade Clássica e até mesmo medieval imperava o sentimento de “identidade-nós” entre as pessoas. Havia menos mobilidade social e por isso o ser humano singular estava mais ligado à família, aldeia ou cidade natal.

A partir do Renascimento o cenário muda de configuração. Este foi um período de intensas transformações sociais, no qual houve a quebra da hegemonia da Igreja na explicação do mundo. Os homens “(re)começaram a livrar-se da necessidade de entidades fantásticas para a explicação do incógnito” colocando-se “no centro do universo” como os dominadores cada vez mais poderosos de uma natureza cada vez menos indômita, mais inteligível e controlada pela observação e experimentação”. O humanismo ganhou forças e com ele a noção de indivíduo isolado, passando a balança, cada vez mais, a pender para a vertente do “eu”.

A partir do Renascimento, passou a pender [a balança] cada vez mais para a identidade-eu. Mais e mais frequentemente se tornaram os casos de pessoas cuja identidade-nós enfraqueceu a ponto de elas se afigurarem a si mesmas como eus desprovidos do nós. [...] A identidade-nós das pessoas, embora decerto continuasse sempre presente, passou então, muitas vezes, a ser obscurecida ou ocultada, em sua consciência, pela identidade-eu.

Foi a partir daí que o Estado passou a exercer, nas sociedades desenvolvidas, o papel que a família ou a tribo exercia nas sociedades tradicionais. De fato, ele vem gradativamente estabelecendo as estruturas para a sobrevivência das pessoas: segurança, saúde e educação.

Elias dá um bom exemplo disto em seu artigo **Envelhecer e morrer**, no qual analisa como as sociedades desenvolvidas estão isolando os idosos e moribundos de seus ciclos sociais, isto porque cada vez mais, os cuidados com os velhos e doentes estão saindo das responsabilidades familiares e tornando-se obrigação estatal.

Nesta perspectiva constata-se que a inclinação da balança para o lado “eu”, nas sociedades desenvolvidas, resulta de um longo processo que gradativamente as tornam mais complexas e especializadas. Contudo, elas são marcadas por uma curiosa ambigüidade. Ao mesmo tempo que a divisão das funções sociais avançava, gerava-se tanto uma diferenciação social entre as pessoas, bem como o aumento da ligação entre elas, pois “cada indivíduo só pode sustentar sua vida e sua existência social em conjunto com muitas outras”.

Assim, Norbert Elias defende que o sentimento de individualização que caracteriza as sociedades complexas resulta de um longo processo social estruturado através da dinâmica social, da convivência e da interação entre as pessoas. Nesse sentido não há um abismo entre indivíduo e sociedade, mas uma inter-relação, pois o individualismo e o coletivismo só são possíveis juntos. Entretanto,

As pessoas só podem conviver harmoniosamente como sociedades quando suas necessidades e metas socialmente formadas, na condição de indivíduos, conseguem chegar a um alto nível de realização; e o alto nível de realização individual só pode ser atingido quando a estrutura social formada e mantida pelas ações dos próprios indivíduos é construída de maneira a não levar constantemente a tensões destrutivas nos grupos e nos indivíduos. Na prática, porém, as sociedades, particularmente nas complexas nações industrializadas, não avançaram muito nessa direção.

Esta citação é interessante porque demonstra que não se pode analisar a relação indivíduo e sociedade de forma isolada ou estática, pois existe uma interdependência entre as duas categorias. Porém, nas sociedades complexas, devido a sua própria estrutura social, há uma tendência em compreender tanto o indivíduo como a sociedade como entidades puramente autônomas, sem nexos um com outro.

4. Semelhanças e especificidades entre Louis Dumont e Norbert Elias

Ao analisar o pensamento de Dumont e Elias acerca da problemática do individualismo, identificam-se algumas semelhanças e diferenciações. Até mesmo a forma como compuseram suas obras são parecidas, pois se tratam de coletâneas de textos redigidos em diferentes períodos sobre a temática. O curioso é que mesmo sendo autores relativamente contemporâneos que trabalhavam com a mesma questão, parece que não conheciam suas análises, pois não fazem referências um ao outro, nem que seja para discordar de sua abordagem.

Para compreender o desenvolvimento do individualismo nas sociedades modernas, os autores as comparam com outros tipos de sociedades: a indiana, no caso de Dumont e as da Antiguidade

Clássica e do medievo no de Elias, para demonstrarem que hoje há um maior nível de individualização.

Simmel afirma que é opinião universalmente aceita entre os europeus o fato de a Renascença ter produzido o que se chama de individualidade. Porém, tanto Dumont como Elias defendem que seu surgimento foi anterior a esse período, mas não negam que o Renascimento, devido à sua dinâmica social, exerceu papel decisivo para a configuração do individualismo moderno. Foi a partir da renascença, segundo Dumont, que se processou a passagem do “indivíduo-fora-do-mundo” para o “indivíduo-no-mundo” e a “balança nós-eu” passou a pender, cada vez mais para o lado do “eu”, na ótica de Elias.

Outra característica marcante no pensamento de ambos é a compreensão do desenvolvimento do individualismo através de um longo processo social, ou seja, fruto das próprias relações e interações entre as pessoas. Entretanto, é justamente neste ponto que se identifica a principal diferença entre eles. Louis Dumont defende que as pessoas só são o que são através das relações entre elas, bem como só se poderia compreender o tipo de indivíduo formulado na modernidade analisando o processo histórico que o configurou. Porém, me parece que esta concepção não foi posta em prática por Dumont. Ele não conseguiu fugir da noção de um processo de racionalização independente das relações humanas, que guia todas as mudanças no âmbito social, levando os homens cada vez mais a tomarem consciência e a dominar o mundo, ao invés de perceber a própria racionalização como decorrência do processo social, ou seja, das interações humanas, como fez Elias.

Para Dumont, até mesmo o conceito de indivíduo se racionalizou, passando, na modernidade, a referir-se tanto a um sujeito **empírico**, amostra individual da espécie humana, bem como, um **ser moral**, autônomo, independente e portador de valores supremos, ou seja, sujeito **racional**.

Norbert Elias rejeita a concepção de racionalidade ao formular sua idéia de processo, pois nada garante que a mudança social seja realizada racionalmente, através da ação intencional de indivíduos ou grupos. Ela ocorre sem planejamento algum. Isto porque,

O que se coloca no tocante ao processo civilizador nada mais é do que o problema geral da mudança histórica. Tomada como um todo, essa mudança não foi “racionalmente” planejada, mas tampouco se reduziu ao aparecimento aleatório de modelos desordenados. [...] A civilização não é “razoável”, nem “racional”, como também não é “irracional”. É posta em movimento cegamente e mantida em movimento pela dinâmica autônoma de uma rede de relacionamentos, por mudanças específicas na maneira como as pessoas se vêem obrigadas a conviver.

Nesse sentido, defende que só através das relações entre as pessoas é que se pode compreender a individualização no processo social. Se hoje há um crescente sentimento de individualidade entre os homens é decorrência da própria dinâmica social.

Mesmo os autores discordando em relação à questão do processo social, tanto Elias como Dumont defendem que, cada vez mais nas sociedades modernas, o sentimento de

individualismo, no qual as pessoas estão se tornando indiferentes umas às outras, está imperando. Não cabe aqui discutir se este é um ponto positivo ou negativo da modernidade, mas apenas enfatizar que foi fruto das próprias relações humanas e que seu futuro é incerto, pois está atrelado, parafraseando Elias, ao devir do processo social.